

**ESTRATÉGIAS UTILIZADAS POR BRASILEIROS PARA A
REALIZAÇÃO DE /ã/ E /ẽ/: ANÁLISE AUDITIVA DO TIMBRE**

LETÍCIA FRAGA

(Universidade Estadual de Ponta Grossa)

ABSTRACT

This research presents an auditory analysis of pronunciation of the nasal vowels of the French language by Brazilian students. The results of this study show particular characteristics of the Brazilians, especially the influence of Portuguese in the learning of French.

Keywords: Pronunciation, nasal vowel in French, Brazilian students.

Este trabalho é parte de um importante projeto sobre o francês falado no Brasil, intitulado *Descrição do francês falado por brasileiros – enquetes no meio escolar e universitário: estudo de fonética e metodologia de ensino*, sob a direção do professor Dário Fred Pagel. Tem por objetivos:

- a descrição articulatória e acústica da pronúncia do francês língua estrangeira falado por brasileiros e
- a formação de conhecimentos lingüísticos que expliquem estas realizações, no campo da fonética corretiva.

Esta pesquisa, que vem ao encontro do projeto acima mencionado, pretende oferecer, tanto a professores quanto a alunos de francês língua estrangeira, subsídios que proporcionem maior qualidade de trabalho.

Neste sentido, este estudo objetiva verificar a existência da adoção de um padrão de pronúncia, quando da realização de /ã/ e /ẽ/, levando em conta o aspecto analisado (timbre), o contexto em que /ã/ e /ẽ/ se encontravam (sílabas acentuadas abertas, sílabas acentuadas fechadas e sílabas inacentuadas) e o estágio de aprendizagem (inicial, intermediário ou avançado) dos informantes selecionados.

1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. As vogais nasais

Segundo STRAKA (1979:501) e LÉON (1972:31), o francês, o português e o polonês são as únicas línguas indo-europeias que possuem vogais nasais puras. Na descrição do processo de formação das vogais nasais do português e do francês, aponta-se para a hipótese do surgimento gradativo das vogais nasais.

No caso do francês, admite-se que duas leis fonéticas regeram este processo: nasalização de toda vogal oral que era seguida de consoante nasal (final ou seguida de consoante oclusiva pronunciada) e abertura da vogal oral fechada que se tornou nasal.

Já no português, toda vogal oral, seguida de consoante nasal (final ou seguida de outro fonema qualquer), tornou-se nasal. Se a vogal oral fosse aberta, fechava-se ao se tornar nasal.

MALDONADO (1961:117) afirma que a presença de sistemas de vogais orais e nasais constitui a grande originalidade do francês padrão e do português, mas observa que os fatos são diferentes nas duas línguas: “a nasalização em francês é mais completa, porque praticamente fez desaparecer a consoante nasal subsequente.”

MATTOSO CÂMARA JR. (1977:67) contesta o *status* fonológico das vogais nasais do português e considera a oposição entre “leda” e “lenda” uma oposição entre /vogal oral/ *versus* /vogal oral + consoante nasal/ e não entre /vogal oral/ *versus* /vogal nasal/.

No entanto, convém retomar que esta pesquisa é de caráter *fonético*, em que, portanto, a discussão sobre a existência de vogais nasais na língua portuguesa não é oportuna.

1.2. Regras de nasalização vocálica

Em língua francesa, segundo WIOLAND (1991:97), as grafias *ON, OM, NA, AM, UN, UM, AIN, AIM, EIN, EIM, IN, IM, YN, YM, EN* e *EM* correspondem, em regra geral, a:

/vogal nasal/, quando seguidas de uma consoante pronunciada (salvo *N* ou *M*)
ou em posição de final absoluto;

/vogal + consoante nasal/, quando seguidas de uma vogal ou de *N* ou *M*.

Já em língua portuguesa, segundo MATTA-MACHADO (1981:26), teoricamente todas as vogais orais acentuadas apresentam alofones nasalizados, quando antes de uma consoante nasal que faz parte da sílaba seguinte. As vogais nasais situadas antes de consoante oclusiva apresentam, geralmente, um alofone constituído pela vogal e um segmento consonantal homorgânico da consoante em questão, em variação livre com a realização pura da vogal. Esta é uma diferença importante, do português em relação ao francês, responsável, em grande parte, pelas interferências ocorridas na língua alvo.

1.3. Classificação articulatória das vogais /ã/ e /ẽ/ *standart*

Para WIOLAND & PAGEL (1991:27), as vogais nasais necessárias para a comunicação oral em francês são /ã/, /ẽ/ e /õ/. Diferente do português, o francês não possui vogais nasais de pequena abertura.

LEBEL (1990:14), em sua classificação do sistema vocálico do francês, aponta para a existência de três sistemas: o mínimo, “primário”, composto de [i, y, u, A, E, O]; o segundo, que é o sistema essencial, “agradável”, composto de [i, y, u, e/ɛ, ø, œ/ə, o/ɔ, õ, ã, ẽ, a/a]; e o terceiro, o sistema máximo, do francês *standart*, composto de [i, y, u, e, ɛ, ø, œ, ə, o, ɔ, õ, ã, ẽ, a, a]. O objetivo do aluno que aprende francês língua estrangeira deveria ser o de assimilar o sistema essencial, segundo o autor.

No que se refere à classificação das vogais /ã/ e /ẽ/ *standart*, percebem-se sutis diferenças, conforme os autores pesquisados. As variações dizem respeito às nomenclaturas utilizadas para se definirem o grau de abertura, lugar de articulação e papel exercido pelos lábios na articulação dos sons.

1.4. A vogal /ẽ/ *standart*

Dentre as dezesseis vogais do sistema francês, /ẽ/ é considerada, por DELATTRE & CALVET (*apud* LEBEL, 1990:11), a 5ª mais freqüente no francês falado espontâneo.

Quanto ao local de articulação da vogal, STRAKA (1979:501) classifica /ẽ/ como *palatal* e LEON (1966:33) como *anterior*;

Quanto à posição dos lábios, STRAKA (1979:501) utiliza o termo *não labializada*. Este também é utilizado por ZERLING (1984:247) e WIOLAND & PAGEL (1991:27). Já LEON (1966:33) classifica /ẽ/ como *distendida*.

No que diz respeito à abertura da vogal, STRAKA (1979:501) classifica a vogal como *média* e LEON (1966:33) *aberta*.

1.5. A vogal /ã/ *standart*

A vogal /ã/ é considerada por WIOLAND (*apud* LEBEL, 1990:14) como a 12ª mais freqüente no francês falado espontâneo.

No que diz respeito à abertura da vogal, STRAKA (1978:501) e LEON (1966:33) a classificam como *muito aberta*. Já ZERLING (1984:247) usa o termo *aberta*.

Quanto à posição dos lábios, STRAKA (1978:501), LEON (1966:33), ZERLING (1984:247) e WIOLAND & PAGEL (1991:27) são unânimes: caracterizam /ã/ como *labializada*

Para se referir ao lugar de articulação da vogal, WIOLAND & PAGEL (1991:27) e ZERLING (1984:247) utilizam o termo *posterior*. STRAKA (1978:501) utiliza a classificação *velar*.

1.6. Vogais nasais do francês não-standart

Em nossa pesquisa, tornou-se importante fazer algumas observações sobre o timbre das vogais nasais do francês, já que o objeto de nosso trabalho são as vogais /ã/ e /ẽ/ standart.

WALTER (1982:147-152), em seu livro *Enquête Phonologique – Variations Régionales du Français*, identificou alofones das vogais /ã/ e /ẽ/, que podem ser encontrados nos diversos falares existentes na França. Nas regiões de Poitou e Centro, por exemplo, /ẽ/ pode sofrer uma leve ditongação e também pode ser desnasalizado (ser pronunciado /en/) na região de Flandres. Este mesmo fonema pode ser realizado /ẽ/ no Centro, Gasconha, Bretanha Romana, Wallon, Languedoc e Provençal Alpino e /æ̃/ na Champagne e Picardia. A vogal /ã/, por sua vez, pode ser realizada como /ã/ na região Provençal Alpino, Gasconha, Picardia, Wallon, Champagne e Poitou e é realizada /æ̃/ no Centro.

LEBEL (1990:74), por sua vez, prevê como substitutos não-standart de /ẽ/ e /ã/:

Vogal /ã/	Vogal /ẽ/
[ɑ̃]	[ɛ̃]
[ɑ̃ ⁿ]	[ɛ̃ ⁿ]
[ã ^c] ± [õ]	[ẽ] ± [ê]
[ẽ]	[ã]
[ẽ̃]	

Tais fatos podem ser explicados pelo fato de que a França é um país com 59 milhões de habitantes. Sabe-se que, em um país com essas dimensões, uma língua falada nunca seria idêntica em todas as suas manifestações.

Esta variabilidade deve-se a diferenças socioeconômicas e regionais do país. Existe, entretanto, a necessidade de se estabelecer uma língua padrão, acima de todas as variantes, para ser usada no ensino de línguas estrangeiras (no caso da língua francesa, é a estabelecida pela *Académie Française*). É esta forma que servirá de referência para todo material didático elaborado para o aprendiz de francês língua estrangeira.

Isso não significa, no entanto, que as demais variantes da língua estrangeira sejam melhores ou piores que a norma padrão, culta ou literária.

O erro em língua estrangeira, existiria, então, segundo LEBEL (1990:40), na medida em que houvesse uma “incorreção de pronúncia que provocasse um mal-entendido na decodificação, quando de uma situação de comunicação”. A partir desse conceito, o autor considera a existência de dois tipos de erros: o erro *alofônico*, que, em princípio, não muda o sentido de uma palavra ou de um enunciado e é percebido como apenas “desagradável”; e o erro *fonológico*, o que muda o sentido da palavra, considerado, então, “intolerável” pelo falante nativo.

Os resultados descritos nesse estudo, acrescidos aos obtidos por PAGEL (1996), concluem que a grande maioria dos alunos brasileiros aprendizes de francês língua estrangeira se encaixam no segundo caso, pois, para estes, /ã/ e /ẽ/ são apenas um fonema.

1.7. Os brasileiros e as vogais nasais da língua francesa

O estudo citado acima (PAGEL, 1996) avaliou o reconhecimento das produções orais de brasileiros estudantes de francês língua estrangeira por falantes nativos de francês. Através deste, ratificou o fato de que a produção de enunciados sofre a influência do sistema fonológico dos aprendizes (no caso, brasileiros) e que a percepção desses mesmos enunciados é influenciada pelo sistema fonológico dos ouvintes (no caso, franceses).

Sua pesquisa precisou o grau de percepção de uma mensagem emitida por alunos iniciantes em francês língua estrangeira, respondendo às questões: “os franceses compreendem o que nossos alunos iniciantes dizem?; quais são os aspectos fonéticos que contribuem para a compreensão?; quais são os aspectos fonéticos que tornam difícil a compreensão a um ouvido francófono?”

PAGEL mostra que, mesmo sendo totalmente “subjativa”, no campo do ensino de línguas estrangeiras, é a impressão do ouvinte que, na comunicação verbal, desempenha um papel decisivo, conforme afirma RUWET (*apud* PAGEL, 1996:15).

Para executar seu estudo, o autor procedeu da seguinte maneira: para cada enunciado apresentado, solicitava ao ouvinte, primeiramente, que ele escrevesse o que havia entendido; em segundo lugar, que anotasse o que lhe parecia peculiar na pronúncia do enunciado; e, em terceiro lugar, que anotasse de 1 a 3 o nível de compreensão: nível 1, compreensão sem problema; nível dois, compreensão com dificuldades; nível 3, enunciado de difícil compreensão, às vezes muito difícil.

O que nos chamou atenção, nos resultados obtidos, foi o resultado do enunciado 20, “*Je rentre en novembre*”, considerado muito difícil por todos os ouvintes. Neste caso em particular, o primeiro *mot phonétique* (“*Je rentre*”) não foi compreendido. Nas próprias palavras do autor, “esta frase apresenta um grande problema para os estudantes brasileiros de francês, no que diz respeito à pronúncia: as vogais nasais”.

Ainda em relação ao mesmo enunciado, agora no que diz respeito ao timbre, constatou-se toda uma seqüência de fonemas que o locutor não pronunciou. Ele realizou [ɪXẽⁿtre] em vez de [ɪRũ:(tr)]. Em conseqüência, o ouvinte não compreendeu uma palavra importante, que é “*rentre*”. Por outro lado, a palavra “*novembre*” foi pronunciada [novẽ^mbre]. O locutor pronunciou uma outra sílaba, depois da sílaba habitualmente acentuada em francês. Os ouvintes ficaram confusos, pois a última sílaba da frase passou a ser [ɪbre]. E para um ouvido francês, é [ɪvũ] que ele espera no final do enunciado e o que ele não ouviu em [novẽ^mɪbre].

Neste caso, também se constata, entre outros fatores, a influência da escrita. Nesta pesquisa, as frases foram lidas pelos alunos iniciantes. Pelo fato de a pronúncia das vogais nasais não ter sido, ainda, assimilada, as grafias “*en*” e “*em*” propiciam a transferência para a pronúncia das vogais nasais do português que correspondem a essas grafias. Nos exemplos com as grafias “*an*” e “*am*”, a pronúncia é mais adequada: o ouvido francês é menos sensível a uma modificação articulatória não tão grande (de /ã/ para /ẽ/), se bem

¹ Ver o trabalho “A progressão das estratégias utilizadas por brasileiros para a realização de /ã/ e /ẽ/: análise acústica da duração”, de Leticia Fraga, Anais do Congresso do Celsul, 2002.

que em francês a vogal /ã/ seja pouco labializada e que em português a vogal /ẽ/ não seja labializada.

PAGEL observa que a ligeira diferença de labialização entre a vogal nasal do português /ẽ/ e a vogal nasal do francês /ã/ não é, *a priori*, um obstáculo à compreensão de um enunciado emitido em francês por brasileiros. Mas no caso de uma mudança de abertura e de lugar de articulação, que implica uma mudança de timbre mais importante, como no exemplo de /ã/ que foi realizado /ẽ/, a não compreensão é certa.

Outro fator importante neste exemplo é a duração das sílabas acentuadas [1Rã:(tR)] e [1vã:(bR)]. Os brasileiros a realizaram como não marcada, como em português – que se caracteriza pelo acento de força articulatória – o que impede os franceses de compreender as vogais: elas são muito breves para o ouvido francês.¹

Portanto, a presença de vogais nasais fonéticas em português não ajuda o falante a pronunciar bem o francês. Na verdade, os timbres são diferentes nas duas línguas.

O trabalho de PAGEL conclui, o que ratificamos em nosso trabalho, que “a aprendizagem da pronúncia não é um fim em si mesma, também não é um luxo de detalhes; é simplesmente uma necessidade que não se pode ignorar e que deve ser integrada à aprendizagem global do ato de comunicação: pois não é a superfície sonora que veicula a totalidade da mensagem oral?” (GALLAZI-MATASCI & PEDOYA *apud* PAGEL, 1996:17)

2 - METODOLOGIA

2.1. Hipóteses levantadas

– Cada grupo de informantes pode ser caracterizado pelas tendências particulares que segue, ao realizar as vogais /ã/ e /ẽ/, em relação ao timbre e conforme o contexto (sílabas inacentuadas, sílabas acentuadas abertas e sílabas acentuadas fechadas) considerado.

– No que se refere ao aspecto do timbre, os estudantes iniciantes tendem a realizar as grafias correspondentes a /ã/ e a /ẽ/ acentuadas como se estas correspondessem a um só fonema, geralmente /ẽ/, da língua portuguesa. Em sílabas inacentuadas, pode ocorrer /ẽ/ (para a grafia “en”). Os alunos de nível intermediário tendem a realizar tanto as grafias correspondentes a /ẽ/, como as correspondentes a /ã/, geralmente como /ã/, se em contexto de sílabas acentuadas. /ẽ/ pode ocorrer, com certa frequência, em substituição a /ã/ ou /ẽ/ inacentuadas. Já os alunos avançados tendem a realizar as grafias correspondentes a /ã/ e as correspondentes a /ẽ/ conforme as regras do francês *standart*, quando estas se situam em contexto de sílabas acentuadas. Em contexto de sílabas inacentuadas, é possível que ocorra uma vogal nasal do português brasileiro.

2.2. Corpus

Foi elaborado um *corpus* de vinte e quatro enunciados, dos quais oito eram compostos de apenas um grupo rítmico e dezesseis, de dois grupos rítmicos. Cada informante foi solicitado a realizar vinte e quatro /ã/ e vinte e quatro /ẽ/, perfazendo um total de quarenta

e oito vogais, das quais vinte encontravam-se em contexto de sílaba acentuada aberta, vinte em contexto de sílaba acentuada fechada e oito em contexto de sílaba inacentuada.

Enunciados de apenas um grupo rítmico:

/ã/ em sílaba acentuada aberta

- | | |
|--|-----------|
| 1) <i>Il est grand</i>
(Ele é grande) | /ilEɪgrã/ |
| 2) <i>C'est du vent</i>
(É o vento) | /sEdyɪvã/ |

/ã/ em sílaba acentuada fechada

- | | |
|---|-------------|
| 3) <i>Elle est grande</i>
(Ela é grande) | /ɛlEɪgrã:d/ |
| 4) <i>En France</i>
(Na França) | /ãɪfrã:s/ |

/ẽ/ em sílaba acentuada aberta

- | | |
|---|--------------|
| 5) <i>C'est du vin</i>
(É vinho) | /sEdyɪvẽ/ |
| 6) <i>C'est mon destin</i>
(É meu destino) | /sEmõdesɪtẽ/ |

/ẽ/ em sílaba acentuada fechada

- | | |
|-----------------------------------|-----------|
| 7) <i>Les cinq</i>
(Os cinco) | /lEɪsẽ:k/ |
| 8) <i>Des singes</i>
(Macacos) | /dEɪsẽ:ʒ/ |

a) Enunciados com dois grupos rítmicos:

/ã/ em sílaba acentuada aberta e /ẽ/ em sílaba acentuada aberta

- | | |
|---|------------------|
| 1) <i>Il prend du vin</i>
(Ele toma vinho) | /ilɪprã/dyɪvẽ/ |
| 2) <i>Un instant, au jardin</i>
(Um instante, no jardim) | /ẽnẽɪtã/Oʒarɪdẽ/ |

/ẽ/ em sílaba acentuada aberta e /ã/ em sílaba acentuada aberta

- | | |
|--|-----------------|
| 3) <i>Il a faim, l'enfant</i>
(Ele está com fome, o menino) | /ilɪfẽ/lãɪfã/ |
| 4) <i>Les trains sont blancs</i>
(Os trens são brancos) | /lEɪtrẽ/sõɪblã/ |

/ã/ em sílaba acentuada fechada e /ẽ/ em sílaba acentuada fechada

- | | |
|--|-------------------|
| 5) <i>Il change les cinq</i>
(Ele muda os cinco) | /ilɪʃã:ʒ/lEɪsẽ:k/ |
| 6) <i>Il mange des singes</i>
(Ele come os macacos) | /ilɪmã:ʒ/dEɪsẽ:ʒ/ |

/ẽ/ em sílaba acentuada fechada e /ã/ em sílaba acentuada fechada

- | | |
|--|------------------|
| 7) <i>Des linges en vente.</i>
(Roupas brancas à venda) | /dEɪlẽ:ʒ/ãɪvã:t/ |
|--|------------------|

- 8) *Les singes qui mangent.* /lEɪsɛ̃ːʒ/kiɪmãːʒ/
(Os macacos que comem)
/ã/ em sílaba acentuada fechada e /ẽ/ em sílaba acentuada aberta
- 9) *Des conférences les matins* /dEkɔ̃fɛɪRãːs/lEmatĩɛ̃/
(Conferências pela manhã)
- 10) *D'une grande, j'en ai besoin.* /dynɪgRãːd/ʒã̃nEbəɪzWɛ̃/
(De uma grande é que preciso)
/ã/ em sílaba acentuada aberta e /ẽ/ em sílaba acentuada fechada
- 11) *Des croissants pour les singes* /dEkRwaɪsã̃/purɪlEɪsɛ̃ːʒ/
(Croissants para os macacos)
- 12) *Il prend les linges* /ilɪprã̃/lEɪlɛ̃ːʒ/
(Ele pega as roupas brancas)
/ẽ/ em sílaba acentuada aberta e /ã/ em sílaba acentuada fechada
- 13) *Les mains sont blanches* /lEɪmẽ̃/sɔ̃ɪblã̃ːʃ/
(As mãos são brancas)
- 14) *Les jardins qui changent* /lEʒaRɪdẽ̃/kiɪʃãːʒ/
(Os jardins que mudam)
/ẽ/ em sílaba acentuada fechada e /ã/ em sílaba acentuada aberta
- 15) *Ça fait cinq, maintenant.* /saɪɛɪsɛ̃ːk/mɛ̃təɪnã̃/
(São cinco, agora)
- 16) *Quinze, pour l'instant.* /kẽ̃ːz/purɪlɛ̃sɪtã̃/
(Quinze, no momento)

2.3. Informantes

Foram selecionados doze alunos do Curso de Letras e Francês Extra-Curricular, da Universidade Federal de Santa Catarina. Todos eram do sexo masculino, com idade entre 18 e 50 anos, dos quais seis eram iniciantes (2ª fase do curso); cinco eram de nível intermediário (5ª fase do curso) e um era avançado (8ª fase do curso).

2.4. Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no estúdio profissional do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, durante a qual, conforme orientações técnicas, foram tomados cuidados para a preservação da qualidade das gravações.

2.5. Tratamento dos dados

Na análise auditiva dos dados, os enunciados foram transcritos foneticamente para, deste modo, se averiguar como /ã/ e /ẽ/ foram realizadas por cada grupo de informantes. Como o estudo acústico das vogais nasais é muito difícil, LANDERCY e RENARD (1977:114) consideram seu estudo perceptivo muito útil na tentativa de se evidenciar certas características dessas vogais.

Apresentamos, separadamente, os resultados obtidos por cada grupo de informantes, no intuito de caracterizar suas grandes tendências. Estas foram comparadas entre si, para verificar se houve uma progressão na aprendizagem na pronúncia das referidas vogais, ou seja, se houve um aumento no número de realizações padrão, dos iniciantes em relação ao intermediários, e destes em relação aos avançados.

A princípio, havíamos pensado em pesquisar, também, a percepção que os alunos brasileiros de francês têm dos fonemas objetos de nosso trabalho. No entanto, como nossa pesquisa completa, além do timbre, avaliou acusticamente a duração e a ocorrência de apêndice consonantal nasal durante a produção de /ã/ e /ẽ/, optamos por não levar esse trabalho adiante.

3 - ANÁLISE AUDITIVA DO TIMBRE DAS VOGAIS NASAIS ACENTUADAS E INACENTUADAS

Foram analisadas 576 ocorrências de /ã/ e /ẽ/. Os resultados destas análises serão apresentados separadamente, pois as conclusões a que chegamos (a partir dos resultados) só têm validade se levarmos em consideração o contexto (posição acentuada ou inacentuada) e também o estágio de aprendizagem em que o informante se encontra (inicial, intermediário ou avançado).

Procuramos, primeiramente, verificar o total de realizações padrão que cada grupo de alunos obteve ao realizar /ã/ e /ẽ/, em contexto de sílaba acentuada e inacentuada. Posteriormente, fazendo um levantamento do total de realizações não-padrão de cada grupo, observaremos que ocorrências substituíram /ẽ/ e /ã/.

3.1. Análise auditiva do timbre das vogais nasais acentuadas

Segundo WIOLAND (1990:41), a vogal que se encontra na posição acentuada é privilegiada pelo timbre definido. Como o acento francês é mais um acento de duração do que de intensidade, esta sílaba é a que dura mais, sobressaindo-se, por consequência. É por este motivo que nossas reflexões só têm validade se consideradas no contexto especificado, contexto esse que é um dos fatores determinantes do padrão de pronúncia que o informante adotará.

3.2. Análise do timbre das vogais nasais inacentuadas

A sílaba inacentuada é desprivilegiada do ponto de vista da definição do timbre.

WIOLAND (1990:43), para essas posições, sugere os arquifonemas [œ, E, O] em vez de especificação [œ, o, ɔ, e, ε, ø], pois, na posição inacentuada, afirma, “essas nuances não são importantes”.

O resultado desta análise, em comparação com o resultado da análise do timbre das vogais nasais acentuadas, foi muito importante na elaboração de sugestões para o aprimoramento da pronúncia das vogais nasais francesas. Estas se encontravam na antepenúltima e/ou penúltima sílabas do grupo rítmico, sendo que em alguns enunciados havia até a

seqüência /ṽ ṽ ‘ṽ/. No caso de nossos informantes, essas posições favorecem tanto uma maior ocorrência de variantes não-padrão (/ẽ/, por exemplo), quanto o aparecimento de outros tipos de variantes não-padrão, inesperadas, diferentes das que ocorrem em sílaba acentuada (como /i/, /ĩ e /ε/).

4 - RESULTADOS

4.1. Informantes iniciantes

Conforme os resultados obtidos mediante as análises da realização das vogais nasais acentuadas e inacentuadas, parece haver três variantes, no caso deste grupo de informantes:

- substituição do fonema *standart* do francês por outro fonema francês;
- substituição do fonema *standart* francês por outro fonema do português brasileiro, próximo auditivamente do fonema *standart* francês.
- substituição do fonema *standart* francês por outro fonema do português brasileiro, distante auditivamente do fonema *standart* francês.

Em sílaba acentuada, verificaram-se somente os dois primeiros tipos de variantes e o padrão geral de pronúncia deste grupo de informantes parece ser o de substituir /ã/ e /ẽ/ por /ẽ/. Ainda considerando-se esse contexto, não se observou desnasalização, ditongação ou a ocorrência de outras vogais, além das mencionadas. Nos enunciados 4, 17, 20 e 22, a porcentagem de realização do fonema /ã/ *standart* variou entre 50 e 66,6%, provavelmente porque ocorra em *mots phonétiques* muito freqüentes em situação de sala de aula. Ainda considerando a mesma vogal, ressaltamos que em nenhum enunciado houve 0% de ocorrência de realização padrão.

No caso de /ẽ/ acentuada, os enunciados 13 e 24 podem ser considerados os mais importantes, com 16,6% de realizações *standart* cada um. Nestes dois enunciados, as palavras que continham a vogal a ser analisada eram numerais, ou seja, *mots phonétiques* muito freqüentes em sala de aula. O mais importante, no entanto, é que, em 98,34% dos enunciados, houve 0% de realizações *standart*. A partir dos resultados, acreditamos que as maiores dificuldades, no caso deste grupo de informantes, sejam a própria articulação de /ã/ e /ẽ/ (mais de /ẽ/ do que de /ã/) e a influência da escrita: as grafias *an* e *am* favorecem a ocorrência de /ẽ/. Por outro lado, os alunos parecem ter noção de que as grafias *in/im* e *en/em* não correspondem, respectivamente, a /ĩ/ e /ẽ/, ou seja, que estes fonemas não existem em francês, já que nenhum aluno cometeu este tipo de transferência, em contexto de *sílaba acentuada*.

Já no caso de /ã/ inacentuada, à exceção do enunciado “*D’une grande, j’en ai besoin*”, a margem de realizações *standart* variou entre 83,3% e 100%, índices bastante importantes. Seria leviano afirmar que a posição em que a vogal se encontrava contribuiu para este resultado. O que parece ter favorecido esta porcentagem foi a palavra que continha a vogal nasal analisada, “*en*”, palavra esta extremamente freqüente em *mots phonétiques*. Como não é comum aprender fonética nos cursos regulares de francês, o fator mais determinante

para a realização do timbre *standart* da vogal nasal parece ser o conhecimento prévio da palavra e de sua realização fonética.

/ẽ/ inacentuada, por sua vez, foi realizada como /ẽ/ em 62% dos enunciados, o que é, até certo ponto, previsível. Incomuns foram os 12,5% de ocorrências de /ɛ/ (enunciado 23); 12,5% de /ĩ/ (enunciados 10 e 24); e 16,5% de /i/ (enunciados 10 e 24), ocorrências estas não esperadas, pois implicam uma mudança maior na abertura bucal e no lugar de articulação da vogal, o que as tornam bem mais distantes, do ponto de vista da percepção, do fonema francês *standart*.

4.2. Informantes de nível intermediário

A margem de realizações *standart* de /ã/ acentuada passou a 52% e a substituição desta por /ẽ/ caiu para 45%. É consistente, também, a substituição de /ẽ/ por /ã/ (23% das ocorrências). Os enunciados 4, 11, 15, 16, 17, 21 e 22 foram responsáveis por resultados bastante importantes: nestes, a ocorrência de /ã/ *standart* variou entre 60% e 100%. Observamos também a ocorrência de /õ/ como substituta de /ã/, ocorrência esta que pode ser explicada lançando-se mão do conceito de hipercorreção: o aluno tenta de tal forma posteriorizar seu /ẽ/, que acaba produzindo /õ/.

Já no caso de /ẽ/ acentuada, a margem de realizações *standart* subiu para 23% e a substituição desta por /ẽ/ caiu para 47%. Houve 7% de outras realizações, em que incluímos a desnasalização da vogal e também a hipercorreção /õ/. Os enunciados mais importantes foram 8, 13 e 21, cujos resultados contabilizaram 60% de realizações *standart*. A maior dificuldade desse aluno é que ele automatizou a pronúncia de apenas uma das vogais, geralmente a de /ã/, que passa, então, a competir, junto ao fonema /ẽ/, como ocorrência mais frequente.

Para este grupo de informantes, o percentual de realizações *standart* de /ã/ inacentuada variou entre 60 e 100%, nos enunciados 4, 11, e 15. As dificuldades de pronúncia por parte dos informantes restringiram-se a um enunciado, 18, em que houve, além de 60% de realizações *standart*, 20% de /ẽ/ e 20% de /ø/.

/ẽ/ inacentuada não foi realizada *standart* em nenhum enunciado. Esta vogal, neste contexto, foi a que provocou um maior número de ocorrências distintas, algumas das quais muito distantes auditivamente de /ẽ/. Em 55% das ocorrências, /ẽ/ foi substituída por /ẽ/, o que é mais comum. Em 20% foi substituída por /ã/; em 15%, por /ɛ/; em 5%, por /ẽ/; e, nos 5% restantes, por /i/. Para estas realizações tão diversas, é difícil sugerir qual padrão está sendo seguido. Pois, conforme nossos resultados, para a grafia “in”, o aluno pode pronunciar /i/, /ĩ/ ou /ẽ/. A teoria da influência da escrita parece ser um bom começo na tentativa de se explicarem estes e outros fenômenos não tão raros.

4.3. Informante avançado

No caso do informante avançado, quando diante de /ã/ e /ẽ/, numa seqüência, ou o aluno pronuncia /__ ‘ã/ __ ‘ã/ ou /__ ‘ẽ/ __ ‘ẽ/. A opção por esta ou aquela realização, na maioria das vezes, depende da primeira vogal realizada (a vogal acentuada do primeiro grupo rítmico); é ela quem “comanda”, condiciona a pronúncia da vogal nasal da sílaba

acentuada do grupo rítmico seguinte. Para a vogal /ã/, a porcentagem de realizações *standart* foi de 60% e a substituição desta por /ẽ/ caiu para 35%. Um dado novo foi o aumento na substituição desta mesma vogal por /ê/: em relação ao grupo de informantes anterior, subiu de 1 para 10%. Os enunciados mais importantes foram 1, 2, 4, 11, 14, 15, 16, 19, 20, 23 e 24. Para /ẽ/, a margem de realizações *standart* subiu para 40% e a substituição desta por /ẽ/ caiu para 15%. Importante também foi o aumento na realização de /ã/ como substituta de /ê/: subiu de 23 para 45%. Enunciados importantes foram 7, 8, 13, 14, 20, 21, 23 e 24. Estes resultados sugerem que a dificuldade dos estudantes de nível avançado esteja no desconhecimento total ou parcial da correspondência entre /ã/ e /ê/ e suas representações gráficas e não em sua articulação propriamente dita.

No que se refere ao timbre de /ã/ e /ẽ/ inacentuadas, os resultados a que chegamos foram muito positivos. /ã/ inacentuada foi realizada *standart* em todas as ocorrências, 5assim como /ẽ/, à exceção de um enunciado, 23, em que foi realizada /ε/.

5 - CONCLUSÃO

Aparentemente, para um aprendiz brasileiro de francês, o fato de existirem vogais nasais nesta língua não o preocupa. É possível que a presença de vogais nasais no português lhe proporcione a ilusão de que a realização que ele fará das vogais nasais do francês ocorrerá sem problemas. No entanto, tal como qualquer aluno cuja língua materna não possui vogais nasais, o aluno brasileiro é facilmente identificado pelas particularidades de pronúncia das vogais nasais do francês, em especial o timbre e a duração destas. Nosso estudo nos possibilitou concluir que, em geral, cada grupo de informantes analisado segue uma tendência de pronúncia.

A partir das análises do timbre de /ã/ e /ẽ/, verificou-se que, para os informantes iniciantes, a grande tendência é a substituição destes fonemas por /ẽ/. Em sílaba acentuada, além desta, ocorreu também /ê/. Em sílaba inacentuada, além destas, ocorreu /ẽ/. /ê/ acen- tuada, por sua vez, foi substituída por /ã/ ou /ẽ/. Quando em sílaba inacentuada, não houve realização *standart*, ocorrendo /i/, /í/, /ẽ/ ou /ε/.

Para os informantes de nível intermediário, a tendência geral é a de pronunciar /ê/ e /ã/ somente como /ã/. A substituição destas por /ẽ/ ainda é significativa. /ã/ inacentuada foi realizada *standart* em quase todas as ocorrências. Quando isto não ocorreu, ela foi substi- tuída por /ẽ/ ou /ø/. /ê/ inacentuada não foi realizada *standart* em nenhuma das ocorrênci- as. Foi substituída por /ẽ/, /ε/ e /i/.

A tendência do informante avançado era realizar /__ ‘ã/ __ ‘ã/ ou /__ ‘ê/ __ ‘ê/, quando diante de uma seqüência de vogais nasais acentuadas distintas. Em sílaba inacentuada, não se constataram maiores dificuldades. /ã/ foi realizada *standart* em 100% das ocorrências e /ê/, em 75%. Ainda se verifica a substituição desta por /ẽ/, embora já não tão freqüentemente quando no caso dos informantes intermediários e iniciantes.

Ao longo deste trabalho, procuramos explicar as razões pelas quais /ã/ e /ê/ foram realizadas inadequadamente utilizando-nos de argumentos como o da influência da língua materna.

Contudo, sabemos que não é possível nos valermos deste tipo de argumento para explicar toda realização atípica de /ã/ e /ẽ/. Em nossos resultados, constatamos fenômenos como o da hipercorreção, do qual não damos conta baseando-nos apenas em argumentos como este.

Finalmente, após termos constatado a particular realização de /ã/ e /ẽ/ por parte dos informantes brasileiros, acreditamos ter atingido nosso objetivo de contribuir junto a alunos e professores de francês, no sentido de revelar algumas características de pronúncia do estudante brasileiro, a qual deve ser aperfeiçoada através de exercícios de fonética corretiva. Esses exercícios deveriam, a nosso ver, acompanhar o aluno desde o início de seu curso como parte deste ou mesmo como uma disciplina isolada. Em qualquer uma destas versões, os exercícios de pronúncia contribuiriam para melhorar a qualidade da realização de /ã/ e /ẽ/, ou seja, a realização articulatória destas próxima ao que é estabelecido no francês *standart*, o que poderia assegurar seu *status* de fonemas distintos que são, fato que os alunos levam muito tempo para entender).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, M. (1978). *Vogais orais e nasais – Estudo contrastivo português/francês* (Análise de erros) Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina.
- CAGLIARI, L. (1983). *An experimental study of nasality with particular reference to brazilian portuguese*. UFSC Working Papers in Linguistics.
- FURLANETTO, M. (1988). “Francês e português. Contraste e interferências no plano fonológico”, *Tópicos de Linguística Aplicada – O Ensino de Línguas Estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC.
- LANDERCY & RENARD. (1977). *Eléments de phonétique*, Bruxelles: Didier.
- LEBEL, J-G. (1993). *Traité de correction phonétique pontuelle*. Québec: PUF.
- MALDONADO, M. (1961). “Quelques remarques sur le phonétisme portugais”. *Actas I*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.
- MATTA-MACHADO. (1981). *Estudo articulatório e acústico das vogais nasais do português do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado apresentada à Universidade.
- _____. (1993). “Fenômeno de nasalização vocálica em português. Estudo cine-radiográfico”, *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 24, p. 113-127.
- MATTOSO CÂMARA JÚNIOR, J. (1972). *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.
- PAGEL, D. (1996). *Prononciation du français par des étudiants brésiliens: principales tendances à partir d'un test de perception*. Florianópolis: Ed. do Autor.
- STRAKA, G. (1979). “Remarques sur les voyelles nasales: leur origine et leur évolution en français”, *Les sons et les mots*, p.501-531, Paris: Klincksieck.
- WALTER, H. (1982). *Enquête phonologique et variétés régionales de français*. Paris: PUF.
- WIOLAND, F. (1991). *Prononcer les mots du français*. Paris: Hachette.